

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v20i36.1047>

**POR OUTRAS NARRATIVAS DA INDEPENDÊNCIA:** a vida de Maria Felipa em cordel - experiências no ensino de história na escola estadual Professora Anésia (Belém-PA, 2022)<sup>1</sup>

**FOR OTHER NARRATIVES OF INDEPENDENCE:** the life of Maria Felipa through Brazilian Cordel literature - experiences in History teaching at Professora Anésia State School (Belém-PA, 2022)

**POR OTRAS NARRATIVAS DE LA INDEPENDENCIA:** la vida de Maria Felipa en versión popular brasileña (cordel) - experiencias en la enseñanza de historia en la escuela estatal Professora Anesia (Belém-PA, 2022)

GERALDO MAGELLA DE MENEZES NETO

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5097-196X>

Professor de História da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC-Belém)

Professor de História e Estudos Amazônicos da

Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA)

Doutor em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará (UFPA)

Belém/Pará/Brasil

[magellaneto7@gmail.com](mailto:magellaneto7@gmail.com)

**Resumo:** O ano de 2022 foi marcado pelas celebrações do bicentenário da independência do Brasil. Tal efeméride nos motivou a repensar as narrativas trazidas pelos livros didáticos. Ao invés de uma narrativa tradicional, que prioriza os fatos políticos, sentimos a necessidade de uma abordagem da independência que levasse em conta questões étnico-raciais. Nesse sentido, o artigo traz um relato de experiência no ensino de História em uma turma do 8º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Professora Anésia, em Belém, no qual utilizamos para trabalhar o conteúdo da independência a literatura de cordel sobre a vida de Maria Felipa, produzido por Jarid Arraes. Maria Felipa era uma mulher negra que participou das guerras contra os portugueses na Bahia, liderando o seu povo na luta pela independência. A abordagem da vida de Felipa possibilitou aos alunos estabelecerem conexões entre as lutas e desafios da população negra no passado e no presente.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Independência do Brasil. Literatura de cordel.

**Abstract:** The year of 2022 was marked by the bicentennial celebrations of Brazil's independence. This event motivated us to rethink the narratives brought forth by textbooks. Instead of a traditional narrative that prioritizes political facts, we need an approach to independence that takes ethnic-racial issues into account. In this sense, this article presents an experience report on the teaching of History at an 8th grade class at the Professora Anésia State School, in Belém - Pará, Brazil. To teach the content pertaining the Independence of Brazil, we used the Cordel literature about the life of Maria Felipa, produced by Jarid Arraes. Maria Felipa was a black woman who participated in the wars against the Portuguese in the state of Bahia, leading her people in the struggle for independence. The approach to Felipa's life allowed students to establish connections between the past and present struggles and challenges of the black population.

**Keywords:** History Teaching. Independence of Brazil. Brazilian Cordel literature.

**Resumen:** El año 2022 estuvo marcado por las celebraciones del bicentenario de la independencia de Brasil. Dicho evento, nos motivó a repensar las narrativas que traen los libros de texto y, en lugar de utilizar una narrativa tradicional, que prioriza los hechos políticos de la independencia, sentimos la

<sup>1</sup> Estudo de caso submetido à avaliação em janeiro de 2023 e aprovado para publicação em maio de 2023.

necesidad de un enfoque étnico-racial. Por ello, este artículo trae un relato de experiencia, en el cual se utilizó el contenido de la independencia de Brasil, a través de la literatura popular brasileña “cordel” abordando la vida de María Felipa (material producido por Jarid Arraes). Se aplicó este modelo en una clase del 8º año de primaria en Escuela Estatal Professora Anésia - Belém. Contextualizando: María Felipa fue una mujer negra que participó en las guerras contra los portugueses en Bahía, liderando a su pueblo en la lucha por la independencia. Resultados: El acercamiento a la vida de Felipa permitió a los estudiantes establecer conexiones entre las luchas y desafíos de la población negra en el pasado y en el presente.

**Palabras clave:** Enseñanza de la Historia. Independencia de Brasil. Literatura de popular brasileña.

### Introdução\*

O ano de 2022 foi marcado no campo da História pelas efemérides do bicentenário da independência do Brasil (1822-2022). Vários eventos acadêmicos foram realizados em todo o Brasil, assim como a publicação de dossiês sobre o tema em revistas científicas de História. Acrescente-se a isso várias reportagens especiais exibidas na TV<sup>2</sup> e também em sites da internet. Um olhar comum de todas essas discussões e produções foi a busca e a valorização de personagens tidos como esquecidos no processo de independência do Brasil, a exemplo de mulheres, indígenas e negros. De fato, como observa Lucia Pereira das Neves, apesar da renovação da historiografia a respeito da independência nas últimas décadas do século XX, ela “[...] avançou pouco em identificar aqueles que, membros dos mais diversos segmentos da sociedade, permaneceram na sombra, embora tenham lutado e interferido de algum modo nos rumos da cisão” (NEVES, 2020, p. 10), o que leva a autora a falar acerca dos “esquecidos da independência”, no sentido de que há ainda uma “história a se fazer” (NEVES, 2020).

Tal contexto nos motivou também a repensar as nossas práticas do ensino de História referentes ao tema da independência do Brasil. Como professor da educação básica pública da rede estadual de ensino do estado do Pará (SEDUC-PA), percebi a necessidade de uma abordagem além da narrativa política, cujos atores principais nessa perspectiva são o próprio Estado brasileiro, Dom Pedro, José Bonifácio, entre outras figuras políticas, ainda

---

\* Este artigo é dedicado a todas as pessoas que fazem o dia a dia da Escola Estadual Professora Anésia em Belém e que contribuem para servir à sociedade por meio da educação pública. Em especial dona Verinha e dona Cléo, duas mulheres negras que, com o seu trabalho e dedicação, honram o legado de Maria Felipa e nos ajudam nos desafios diários do ensino.

<sup>2</sup> Por exemplo, a TV Bandeirantes exibiu uma série de reportagens em seus jornais intitulada “Band nos 200 anos da independência”, nos anos de 2021 e 2022. Ver: <https://www.band.uol.com.br/noticias/200-anos-da-independencia> Acesso em: 17 dez. 2022. Já o programa *Fantástico*, da TV Globo, exibiu aos domingos durante o mês de agosto de 2022 a série especial “1822 - Uma conquista dos brasileiros”. Ver: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/08/21/1822-uma-conquista-dos-brasileiros-veja-todos-os-episodios-da-serie-especial-do-fantastico.ghtml> Acesso em: 17 dez. 2022.

bastante presentes nos livros didáticos de História. Nesse contexto, para o ano de 2022, escolhi como perspectiva nesse campo a história e a cultura afro-brasileira a partir da vida da mulher baiana Maria Felipa de Oliveira, do século XIX. Essa atividade foi realizada com alunos do 8º ano da Escola Estadual Professora Anésia, localizada em Belém do Pará, utilizando a biografia de Maria Felipa em cordel, presente no livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes.

Assim, o presente artigo tem como objetivo demonstrar as nossas experiências de ensino com o tema da independência em uma escola pública de Belém no ano de 2022. Em um primeiro momento, faço uma discussão das abordagens da independência do Brasil nos livros didáticos de História, destacando o caso da coleção Projeto Araribá, livro distribuído na rede estadual de ensino no Pará; em seguida, trago uma proposta de abordagem da independência a partir da literatura de cordel “Maria Felipa”, de Jarid Arraes, dialogando com a legislação que prevê o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas; na parte final do artigo, descrevo as experiências de ensino com uma turma do 8º ano desenvolvidas na Escola Estadual Professora Anésia em 2022, demonstrando as atividades realizadas e a produção dos alunos.

### **A independência do Brasil nos livros didáticos de História**

Desde os anos 1830, quando se produziram os primeiros livros didáticos de História no Brasil, o tema da independência aparece como um marco importante nas narrativas da História escolar. Em *Resumo da história do Brasil*, de Henrique Luiz de Niemayer Bellegarde, com uma primeira edição provável de 1831, Circe Bittencourt (2008) indica que “[...] conquista e defesa territorial se constituíram nos marcos da periodização da história brasileira”, sendo a independência presente nos dois últimos capítulos: “O Brasil sede da monarquia portuguesa” e “O Brasil império constitucional português”. Já em *Compêndio de história do Brasil*, de José Ignácio Abreu e Lima, a periodização da história brasileira “[...] foi marcada pela dominação política, datando com precisão os momentos das mudanças históricas”, aparecendo a independência no capítulo sexto “1808-1821”, que se referia às lutas e ganhos obtidos com a família real portuguesa no Brasil e o capítulo sétimo “1821-1831”, que expunha as diferentes lutas no processo de independência, destacando as guerras e suas batalhas (BITTENCOURT, 2008, p. 136-139).

Nos últimos 30 anos do século XIX, havia uma ampliação dos compêndios, com a introdução do ensino de História nas escolas públicas. Nesses didáticos destacava-se a

preocupação em determinar uma periodização para a História brasileira marcada pelos eventos que levaram à constituição da nação, para a construção do sentimento de nacionalidade. Bittencourt observa que fatos como a sucessão de reis e as lutas contra os estrangeiros eram ordenados para se chegar ao grande evento: a Independência e o Estado monárquico, que conduziriam o Brasil a seu destino, uma “grande nação” (BITTENCOURT, 2008, p. 148).

Nas primeiras décadas da República podemos citar o livro didático *História do Brasil*, de Jonathas Serrano, de 1931. Segundo Maria Vidal (2009), a sua missão era “[...] evocar e cultuar os grandes vultos nacionais” e “[...] traçar a genealogia da nação alicerçada na civilização ocidental cristã” (VIDAL, 2009, p. 94). Na narrativa do processo de independência, Vidal aponta que Serrano cria uma imagem positiva de Dom João como benfeitor do Brasil, pois “[...] ao tomar diversas medidas no âmbito político, administrativo, econômico e cultural, d. João acabou por assegurar a independência brasileira” (VIDAL, 2009, p. 100). Já no que se refere à primeira fase da monarquia, o texto didático prioriza a figura do imperador Dom Pedro I, pois em torno dele se construiu a imagem de alguém que defendeu os interesses dos brasileiros no momento da independência. Serrano valoriza ainda o papel de José Bonifácio, o que expressa a tentativa de recuperação desse personagem no contexto das comemorações do centenário da independência, sendo eleito o “patriarca da independência” (VIDAL, 2009, p. 102).

Seguindo-se alguns anos em frente, um autor de obras didáticas de História bastante lido pelos alunos brasileiros entre as décadas de 1940 e 1960 foi Joaquim Silva, que teve vários livros reeditados pela Companhia Editora Nacional. Ribeiro Júnior (2016) observa que nos primeiros livros do autor a independência representava a grandiosidade dos heróis, como Dom Pedro e José Bonifácio. Contudo, ao longo das reedições, o autor envolveu outros eventos, como a Inconfidência Mineira e a Revolução Pernambucana, ampliando a participação do povo no processo com um sentimento nativista (RIBEIRO JÚNIOR, 2016).

Ribeiro Júnior (2016) relaciona essa ampliação dos sujeitos históricos nos conteúdos da independência ao contexto histórico dos anos 1940 e 1960, nos quais houve uma ampliação do sistema de ensino brasileiro, com um número maior de alunos. Assim, ao mesmo tempo em que a escola não atendia mais apenas às elites, na explicação do processo de independência, não era somente a elite culta do país que contou com a possibilidade de transformar o rumo da história do Brasil (RIBEIRO JÚNIOR, 2016, p. 89).

Sandra Oliveira e Luciana Aquino (2017) observam que, entre o final da década de 1980 até meados de 1995, o conteúdo da independência, em alguns manuais didáticos para

crianças, “[...] foi alocado no final do livro, em um compêndio de datas comemorativas” (OLIVEIRA; AQUINO, 2017, p. 161). A partir de 1996, os livros examinados apresentam o conteúdo disposto entre os capítulos ou as unidades de estudo, ou em apêndices que tratam de datas comemorativas. É perceptível também que, nas obras entremeadas de 1996 a 2002, há certa preocupação em problematizar a temática, apresentando, por meio de textos informativos, os movimentos contrários e os favoráveis à emancipação política do Brasil. Todavia, as atividades didáticas relativas a essa temática parecem desprezar os conhecimentos prévios dos alunos e, ainda, focam na memorização de informações, com perguntas explícitas e, em algumas passagens, desconexas com o texto apresentado (OLIVEIRA; AQUINO, 2017).

Já as obras da década de 2000 destacam-se, segundo as autoras, pela maior quantidade de informações sobre a independência e por trazerem fontes históricas diversas, as quais são objeto de certa problematização. Há livros cujas fontes são acompanhadas de dados e, no caso das pinturas, da data de produção, do local onde estão atualmente e, em algumas abordagens, de observações sobre as personagens pintadas, a paisagem, os animais etc. (OLIVEIRA; AQUINO, 2017).

Chegando aos tempos mais recentes, citamos a coleção *Araribá mais: história*, da editora Moderna, livro adotado pela SEDUC no Pará para o ensino fundamental II, na área de História. A editora responsável pelo livro é Ana Claudia Fernandes, mas na página da ficha catalográfica temos a informação de que se trata de uma obra coletiva, com oito autores encarregados dos originais<sup>3</sup>. A coleção atual foi produzida em 2018 e aprovada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para os anos de 2020 a 2023.

Segundo Jefferson Silva (2012), a coleção do Projeto Araribá foi lançada inicialmente em 2003 pela editora Moderna, apresentando quatro características gerais que a situa nos contextos educacionais e mercadológicos existentes nos primeiros anos do século XXI: a abrangência para diversas disciplinas, o seu objetivo principal, a origem do nome e a autoria coletiva (SILVA, 2012). A partir do PNLD de 2008, a coleção se tornou a mais vendida para o Ministério da Educação (MEC) para ser distribuída às escolas públicas do Brasil.

Silva (2012) identifica também alguns fatores para o sucesso editorial do Projeto Araribá, como: fortes investimentos por parte do grupo espanhol Santillana, que adquiriu a

---

<sup>3</sup> Os oito autores são: Renata Isabel Chinelatto Consegliere, Solange Freitas, Joana Lopes Acuio, Maria Raquel Apolinário, José Maurício Ismael Madi Filho, Pamela Shizue Goya, Letícia de Oliveira Raimundo, Maria Lidia Vicentim Aguilar.

Moderna em 2001; foco em fazer livros didáticos direcionado para as competências leitoras dos alunos, uma resposta aos baixos índices de leitura dos jovens brasileiros apontados em pesquisas internacionais; política agressiva de marketing e vendas; realização de congressos como meio de aproximação entre a editora e os professores (SILVA, 2012).

Passando agora à estrutura do livro do 8º ano do Projeto Araribá ao qual tive acesso, o tema da independência do Brasil é tratado na “Unidade IV – A independência do Brasil e o Primeiro Reinado”, em dois capítulos: no capítulo 9, “O Brasil independente” e no início do capítulo 10, “O Primeiro Reinado”. O capítulo 9 é formado pelos seguintes tópicos: “A vinda da família real para o Brasil”; “A Revolução Pernambucana de 1817”; “A volta de D. João VI a Portugal” e “A Proclamação da Independência”. Já o capítulo 10 se inicia com o tópico “Nem todos queriam a independência” (FERNANDES, 2018).

Reconhecemos alguns avanços neste livro: o fato de conferir espaço de uma página para a Revolução Pernambucana de 1917; uma proposta de atividade de problematização do famoso quadro *Independência ou morte*, de Pedro Américo; outra atividade com imagens, com a pintura *Sessão do Conselho de Estado que decidiu a Independência do Brasil*, de Georgina de Albuquerque; uma seção intitulada “Para refletir” para discutir a política indigenista brasileira após a independência. No entanto, ainda há a predominância de uma narrativa política, com a descrição dos fatos que se sucederam culminando no processo de independência do Brasil.

Um dos problemas nos capítulos sobre a independência, no referido livro, além da narrativa essencialmente política, é a falta de diversidade. Mulheres e negros não aparecem como agentes históricos nesse processo. A única exceção é uma referência a Maria Quitéria, que, durante as guerras pela independência na Bahia, “[...] se vestiu de soldado e se alistou voluntariamente no exército brasileiro (FERNANDES, 2018, p. 124). Para complementar, a obra também apresenta um quadro de Maria Quitéria, de Domenico Failutti, de 1920.

Essa falta de referências nas narrativas em relação aos negros nos conteúdos do Projeto Araribá já foi discutida em algumas pesquisas, que analisaram a coleção, apontando a veiculação de estereótipos e silêncios em relação aos negros na história do Brasil. Elizabeth Macena (2017) observa que, no livro do 7º ano, o conteúdo é exposto de maneira genérica e superficial, sem margem para reflexões, visto como uma verdade pronta e acabada. Induz a concepção de que os negros passavam seus dias trabalhando nos canaviais, sendo castigados e dormindo nas senzalas, não mencionando, no entanto, no cotidiano, as músicas, as danças e as práticas religiosas ocultas. Restringe a presença do negro ao trabalho compulsório (MACENA, 2017).

Luciano Monteiro (2021) identifica, por exemplo, uma continuidade de equívocos na coleção, as quais remetem à obra *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre, da década de 1930. Entre as generalizações há aquelas que resumem a história do negro à escravidão e ao castigo, o que é reforçado pela grande recorrência de figuras feitas por Jean-Baptiste Debret, sempre caracterizando o negro como um ambulante nas cidades, em ambiente doméstico ou mesmo recebendo castigos físicos (MONTEIRO, 2021).

Gustavo Ferreira e Fernanda Márquez (2022) apontam que, no livro do 8º ano da coleção, das 199 imagens que ilustraram os textos apenas 38 se referem à história ou presença do negro e/ou de elementos relacionados à cultura africana e afro-brasileira. Nelas, o que predomina é uma representação do negro como escravo ou em situação de subalternidade, havendo pouco espaço para a tão necessária ressignificação (FERREIRA; MÁRQUEZ, 2022). Os autores também notaram a ausência de referências às manifestações culturais afro-brasileiras nos livros do 8º e 9º anos, além das manifestações de religiosidade de matriz africana, como a umbanda e o candomblé. (FERREIRA; MÁRQUEZ, 2022).

Clara Souza (2020) observa nos livros do Projeto Araribá que há poucos destaques individuais de mulheres que transformaram os seus mundos como sujeitos históricos dotados de agência, a exemplo de Joana Angélica, Maria Felipa de Oliveira, Maria Quitéria e Bárbara de Alencar (SOUZA, 2020). Souza aponta que o livro traz uma pequena passagem sobre a vida de Maria Felipa de Oliveira acompanhada de uma atividade. No entanto, a atividade pouco problematiza a condição específica de Maria Felipa de Oliveira enquanto mulher negra, e as suas especificidades, surgidas nesse lugar social.<sup>4</sup> Para Souza, existem poucas mulheres sendo *lembradas nos acontecimentos que marcaram a história do Brasil*, mas ainda menos mulheres negras com o devido destaque na memória oficial. Portanto, não se trata apenas de uma questão de gênero, mas de de gênero e de raça (SOUZA, 2020, p. 146, grifos da autora). A autora conclui que houve um avanço com a incorporação, na narrativa histórica escolar, de grupos historicamente silenciados, como as mulheres negras, mas ressalta que esse movimento, entretanto, deve continuar a prevalecer (SOUZA, 2020).

Essa persistência das limitações em relação à questão étnico-racial nos livros didáticos é preocupante, pois, desde 2003, está em vigor a Lei nº 10.639/03, a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas (BRASIL, 2003), seguida pelas *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-*

---

<sup>4</sup> Cabe esclarecer que a edição do livro analisada por Souza do 8º ano é diferente da qual os professores da SEDUC-PA tiveram acesso, já que não há qualquer referência a Maria Felipa, o que nos motivou a realizar a atividade que irei descrever mais adiante.

*raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*, de 2004 (BRASIL, 2004), e a Lei nº 11.645/08, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas (BRASIL, 2008)<sup>5</sup>. Todas essas iniciativas visam uma educação que traga maior valorização do negro na história do Brasil e combata o racismo<sup>6</sup>, o preconceito racial<sup>7</sup> e a discriminação racial<sup>8</sup> ainda presente em nossa sociedade. O livro didático nessa questão se apresenta como um material que ainda não aborda a discussão de forma satisfatória, sendo necessário que o professor também tome ações no sentido de uma abordagem dos conteúdos históricos que ultrapasse uma narrativa política que privilegia alguns poucos personagens. Dessa maneira, passo a relatar a seguir uma alternativa que busquei para a discussão do tema da independência: a vida de Maria Felipa a partir da literatura de cordel de Jarid Arraes.

### **Uma abordagem da independência a partir do cordel “Maria Felipa”, de Jarid Arraes**

Como vimos, há várias críticas acadêmicas às limitações das narrativas do livro didático em relação à questão étnico-racial. No entanto, entendo que somente as críticas não são suficientes para uma mudança de postura. Muitos pesquisadores universitários acreditam que apenas apontando os problemas a situação se resolve e que seu trabalho está feito publicando artigos meramente teóricos sem uma ação concreta. Fugindo dessa visão reducionista da questão, a nossa tarefa neste artigo é o de demonstrar a prática, de como tornar possíveis outras abordagens da independência levando em conta a questão étnico-racial, não como um modelo a ser seguido, mas para estimular e valorizar os conhecimentos produzidos na educação básica e na escola pública.

---

<sup>5</sup> Mesmo a atual Base Nacional Comum Curricular (BNCC) promulgada em dezembro de 2017 foi alvo de críticas no processo de sua elaboração na forma como sugeria a abordagem da história da África e dos afro-brasileiros. Sobre os debates ocorridos no processo de elaboração da BNCC, ver Menezes Neto (2017).

<sup>6</sup> Nilma Lino Gomes explica que o racismo é, “[...] por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira” (GOMES, 2005, p. 52).

<sup>7</sup> Para Gomes, “[...] o preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro” (GOMES, 2005, p. 54).

<sup>8</sup> A discriminação racial “[...] pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam” (GOMES, 2005, p. 55).

Assim, a escola possui um papel essencial na ação efetiva contra o racismo, sendo um espaço que deve abordar e valorizar a presença dos negros na sociedade brasileira, conforme observa Nilma Lino Gomes (2011):

A implementação da lei 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem se somar às demandas do Movimento Negro, de intelectuais e de outros movimentos sociais, que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de um modo geral, e na educação escolar, em específico. Estes grupos partilham da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação para a diversidade (GOMES, 2011, p. 41).

Reforçando a importância da escola, Martha Abreu (2012) aponta que os esquecimentos e os silenciamentos das histórias dos descendentes de africanos no Brasil, as suas lutas e conquistas são “[...] exemplos evidentes de práticas racistas que começam a ser revertidas pelos direitos e deveres à memória, à história e à diversidade”. Para a autora, “[...] é importante frisar que não é mais possível pensar o Brasil sem uma discussão sobre a questão racial. E a escola é o espaço privilegiado para isso” (ABREU, 2012, p. 110-11).

Nesse cenário, Maria Telvira da Conceição (2010) traz algumas indagações importantes aos professores de História:

[...] diante da relevância e do dever de ensinar história e cultura afrobrasileira no currículo da disciplina história, que indagações você tem levantado acerca das dificuldades e também das possibilidades do trabalho pedagógico com esse conjunto de conhecimentos? Quais textos orientadores você tem utilizado para planejar seu trabalho pedagógico com a temática? Que conteúdos e a partir de quais enfoques você tem abordado a história e a cultura afro-brasileira no ensino de história nos anos iniciais [e demais séries da educação básica]? De quais metodologias e recursos você tem feito uso em sua sala de aula para trabalhar a temática? (CONCEIÇÃO, 2010, p. 139-140).

As perguntas de Conceição (2010) são importantes e me fizeram questionar o quanto tem sido o meu comprometimento enquanto professor da rede estadual de ensino do Pará para uma efetivação prática do ensino da história e cultura afro-brasileira. Hoje reconheço que a minha formação em História, seja na graduação e na pós-graduação, não foi suficiente para dar ferramentas no sentido de se trabalhar a temática étnico-racial. Assim, tive de buscar de forma autônoma leituras e recursos didáticos referentes ao tema. Nesse processo, decidi utilizar o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes (2017).

Jarid Arraes é escritora, cordelista, poeta e autora dos livros *Redemoinho em dia quente*, *Um buraco com meu nome*, *As lendas de Dandara* e *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. Curadora do selo literário “Ferina”, atualmente vive em São Paulo (SP), onde criou o clube da escrita para mulheres e tem mais de 70 títulos publicados em literatura de cordel<sup>9</sup>. A autora expressa em suas obras uma militância pelo feminismo negro, algo explicado pelo fato de que, na sua trajetória, foi percebendo que o seu acesso a obras de escritoras era precário, o que lhe trouxe motivação para pesquisar e conhecer mulheres que marcaram a história não só como autoras e poetisas, mas nas mais diversas áreas do conhecimento, principalmente mulheres negras, que percebia serem ainda mais esquecidas das escolas e mídia<sup>10</sup>.

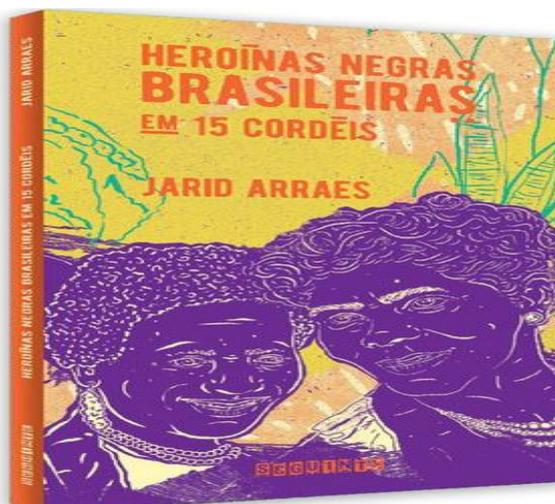
Em *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, Jarid Arraes traz em seus capítulos quinze biografias de mulheres negras<sup>11</sup> da história do Brasil no formato de linguagem em versos da literatura de cordel. Em entrevista concedida a Bianca Gonçalves, publicada na *Revista Crioula*, ela justifica a publicação da obra no suporte de livros e não de folhetos, tradicional suporte do cordel: “[...] a causa que está dentro dessas histórias merece alcançar mais públicos e ter um material mais resistente para durar nas escolas” (ARRAES, 2018 *apud* GONÇALVES, 2018, p. 505). Na mesma entrevista, a autora demonstra o seu compromisso com a militância do feminismo negro na literatura: “Isso me interessa mais: construir coisas propositivas, histórias com protagonistas diferentes e questionamentos necessários. Toda literatura é política, quer saiba disso ou não” (ARRAES, 2018 *apud* GONÇALVES, 2018, p. 507).

---

<sup>9</sup> Informações sobre a biografia de Jarid Arraes disponíveis no site da autora: <http://jaridarraes.com/biografia/> Acesso em: 31 dez. 2022.

<sup>10</sup> Informações retiradas no site da autora: <http://jaridarraes.com/biografia/> Acesso em: 31 dez. 2022.

<sup>11</sup> As quinze mulheres negras biografadas em versos de cordel por Jarid Arraes são: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

**Imagem 1** - Capa do livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes

Fonte: Arraes (2017).

Henrique Samyn (2016) destaca como a obra de Jarid Arraes trata também de um questionamento à historiografia que relegou as mulheres negras ao esquecimento:

A série de que trata este ensaio pode ser definida como um projeto cuja importância está em questionar frontalmente as perspectivas historiográficas que negligenciam ou deliberadamente se recusam a reconhecer vultos que confrontaram as estruturas de dominação racial, cuja eficácia ainda é intensificada pela força opressora de parâmetros patriarcais que invariavelmente incidem sobre as mulheres. Por conseguinte, o projeto de Jarid pode ser concebido como o processo de escrita de uma história alternativa, cujo foco de atenção está precisamente naquelas figuras em que as narrativas historiográficas tradicionais se recusam a reconhecer qualquer relevância ou poder de protagonismo (SAMYN, 2016, p. 93).

Alguns trabalhos já chamaram a atenção para a potencialidade da obra de Jarid Arraes para uma discussão da história e cultura afro-brasileira. Rocha e Azevedo Júnior (2019), por exemplo, percebem na obra da autora argumentos que desvelam vozes silenciadas, com o cordel servindo para ampliar percepções de mundo, de sujeitos, de subjetividades, resgatar histórias esquecidas, colocar em evidência a história e cultura do povo negro brasileiro. (ROCHA; AZEVEDO JÚNIOR, 2019).

Schwartz e Chiaradia (2018) destacam que Arraes, escritora cearense, jovem e negra, traz em suas estrofes um passado marcado pela luta, “[...] do qual ela busca resgatar as origens afro-brasileiras, de modo a não deixar as conquistas das protagonistas de seus cordéis e tantas outras que lutaram em prol de direitos iguais a caírem no esquecimento”. As autoras identificam nos versos de Arraes “[...] uma verdadeira aula de história envolvendo diversos

aspectos de um fato e de uma época: escravidão, racismo e enaltecendo as lutas de uma personalidade do período escravocrata” (SCHWARTZ; CHIARADIA, 2018, p. 11). Diego Pereira (2021) observa que os escritos de Arraes “[...] buscam dar visibilidade aos marcadores sociais da diferença, particularmente a confluência entre gênero e raça, apontando para o protagonismo dessas mulheres negras ‘esquecidas’ pela historiografia brasileira” (PEREIRA, 2021, p. 18).

Diante de todos esses comentários relevantes sobre a obra de Jarid Arraes, entendo que o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* pode ser um caminho para responder às indagações anteriores de Conceição (2010) para se efetivar na prática a história e cultura afro-brasileira nas escolas. Soma-se a isso a vantagem de Arraes utilizar a linguagem da literatura de cordel, que é mais acessível aos alunos do que um texto em prosa, já que o cordel é uma forma de poesia em versos rimados.

A literatura de cordel é um excelente recurso didático que tem sido utilizado por professores nas várias disciplinas. Desde a década de 1970 Renato Campos (1977) já identificava a importância do folheto de cordel na educação, dizendo que “[...] levados pelo desejo de ler folhetos, muitos trabalhadores têm se alfabetizado”, sugerindo que “[...] os professores e assistentes sociais poderão encontrar na literatura de cordel, valioso auxílio para o bom êxito das suas tarefas” (CAMPOS, 1977, p. 10).

Os próprios poetas também perceberam a importância de formar novos leitores de cordel criando projetos de divulgação desta literatura nas escolas a partir dos anos 2000, a exemplo do projeto “Acorda cordel na sala de aula”, de Arievaldo Viana Lima (2006)<sup>12</sup>. Marco Haurélio (2013) identifica na atualidade a adoção de livros infantojuvenis em cordel nas escolas, além da publicação de coleções, como a “Clássicos em Cordel”, da editora Nova Alexandria, na qual os poetas recriam grandes obras da literatura brasileira e universal no ritmo da poesia popular (HAURÉLIO, 2013).

Cabe comentar que anteriormente já fiz uso da literatura de cordel em aulas de História em turmas do ensino fundamental de escolas públicas da SEDUC e da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC-Belém). Essas experiências já foram descritas em dois artigos. No primeiro, apresentei a experiência com o folheto *História de Helena e a Guerra de Tróia*, do poeta Antônio Klévisson Viana, em turmas do 6º ano de escolas da rede

---

<sup>12</sup> O projeto “Acorda cordel na sala de aula” “[...] propõe a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos e também nas classes do Ensino Fundamental e Ensino Médio” (LIMA, 2006, p. 14).

municipal de Belém, no distrito de Mosqueiro, para discutir o tema da mitologia grega. (MENEZES NETO, 2016).

Já no segundo artigo, também trabalhei com o livro de Jarid Arraes, mas utilizando a biografia de outras mulheres negras: Aqualtune, Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela e Eva Maria de Bonsucesso. Com uma turma do 7º ano da Escola Estadual Ruth Passarinho, realizamos a leitura coletiva das biografias dessas quatro mulheres, seguida da produção de cartazes e de uma peça sobre a vida de Eva Maria de Bonsucesso. (MENEZES NETO, 2020). Tais experiências positivas com o uso do cordel em sala de aula em escolas públicas, inclusive no ensino da história e cultura afro-brasileira, nos motivaram a prosseguir com novas experiências de ensino.

Voltando ao tema da independência, encontrei no livro de Arraes a biografia de Maria Felipa de Oliveira, uma mulher negra que participou das lutas pela independência na Bahia. Decidi utilizar esse cordel, que possui 25 estrofes em 6 páginas, por ser uma forma de abordar a temática além do que constava no livro didático, já que se trata de uma narrativa essencialmente política, buscando, assim, valorizar a história afro-brasileira e a atuação das mulheres na história do Brasil. Arraes inicia o seu cordel sobre Maria Felipa com uma crítica ao esquecimento das mulheres negras na narrativa da história brasileira:

Nos registros brasileiros  
A injustiça predomina  
E o danado esquecimento  
Na injustiça se culmina  
Pois ainda não se acha  
Tudo o que se examina.

Esquecidas da História  
As mulheres inda estão  
Sendo negras, só piora  
Esse quadro de exclusão  
Sobre elas não se grava  
Nem se faz uma menção.

Cito a Maria Felipa  
Exemplar essa guerreira  
Natural de Itaparica  
Foi na ilha marisqueira  
E lutou tão bravamente  
Liderando na trincheira (ARRAES, 2017, p. 97).

De fato, o questionamento de Jarid Arraes é pertinente, pois como vimos, a partir de estudos citados anteriormente, as mulheres negras pouco aparecem nas narrativas dos

livros didáticos de História, o que contribui para o esquecimento de suas lutas e vivências na história do Brasil. Maria Felipa é mais um exemplo desse esquecimento.

De acordo com Lucas Santos (2014), Maria Felipa é descrita como uma negra alta, sempre vestida com saia rodada, bata, torso e chinelas. Acredita-se que ela foi descendente de escravos sudaneses (SANTOS, 2014), atuando no contexto das lutas pela independência do Brasil na Bahia na resistência contra os portugueses, que, em 1822 e 1823, enviaram tropas para dominar dois lugares estratégicos da província: a ilha de Itaparica e o rio Paraguaçu. Tal plano da metrópole consistia em tentar dividir o território do Brasil em duas partes, ocupando Salvador para, dali reocupar o Rio (VALIM; FARIAS, 2022). Segundo Valim e Farias:

Maria Felipa foi fundamental para impedir os planos das tropas portuguesas. Mulher negra, livre, marisqueira, capoeirista, moradora de Itaparica e conhecedora do rio Paraguaçu, principal via de comunicação entre Salvador e o Recôncavo Baiano, ela rapidamente se engajou nas lutas como voluntária.

Começou remando durante a madrugada no Paraguaçu para levar mantimentos e informações sobre a guerra obtidas nas rodas de capoeira para a resistência baiana que estava em Cachoeira. Voltava com munições para impedir que os portugueses tivessem acesso ao rio e cercassem o comando das tropas baianas (VALIM; FARIAS, 2022).

Após a invasão dos portugueses a Itaparica, Maria Felipa organizou um exército de mulheres insulanas, conhecidas como “vedetas”, para vigiar a movimentação das embarcações portuguesas nas praias. Quando os portugueses desembarcaram na ilha, elas formaram um cerco e lutaram com facas e folhas de cansaço, uma folha urticante que causa queimaduras na pele (VALIM; FARIAS, 2022). Santos afirma que, durante as batalhas, o grupo de Felipa ajudou a incendiar inúmeras embarcações: a Canhoneira Dez de Fevereiro, em 1º de outubro de 1822, na praia de Manguinhos; a Barca Constituição, em 12 de outubro de 1822, na Praia do Convento; em 7 de janeiro de 1823, liderou aproximadamente 40 mulheres na defesa das praias (SANTOS, 2014, p. 30). Valim e Farias destacam que com seu conhecimento de estratégia militar, ela garantiu a vitória das tropas baianas. Quando ela e as vedetas bloquearam o acesso ao rio Paraguaçu e protegeram Itaparica, os portugueses foram derrotados e ficaram sitiados em Salvador sem alimentos até serem expulsos em 2 de julho de 1823 (VALIM; FARIAS, 2022).

Essa trajetória de Maria Felipa deve ser valorizada no sentido de demonstrar que o processo de independência não se limitou às elites ou ao espaço da capital da corte. Jarid Arraes consegue adaptar essa história em uma linguagem acessível e atrativa para os alunos,

construindo o que Márcia Abreu (2004) denomina de “história bonita” na narrativa de cordel<sup>13</sup>.

### **Atividades: a leitura do cordel Maria Felipa e a produção de desenho em quadrinhos**

Passamos agora ao relato das atividades desenvolvidas. Em primeiro lugar, é importante mostrar uma breve caracterização da escola e dos alunos. A escola estadual de Ensino Fundamental Professora Anésia se localiza em Belém do Pará, no bairro do Souza, na fronteira com os bairros do Marco e do Curió-Utinga. Pelo turno da manhã atende alunos do 6º ao 8º ano, e pelo turno da tarde, do 8º e 9º anos do ensino fundamental. Segundo consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2020 da instituição, a missão da escola é “oferecer ensino de excelência à comunidade e propiciar condições para uma aprendizagem significativa, atualizada e eficaz, que prepare alunos competentes, éticos e argumentativos.” No ano de 2020, a escola tinha 385 alunos matriculados (EEEF PROFESSORA ANÉSIA, 2020, p. 7-10).

Sobre os alunos, a maioria mora no bairro do Curió-Utinga, área periférica de Belém, com uma realidade socioeconômica mais carente. Vários alunos possuem problemas familiares que afetam no seu cotidiano em sala de aula. Essa situação é percebida pelo PPP da escola que observa que as relações entre família e escola precisam melhorar, pois “[...] somente com a participação dos pais na vida escola de seus filhos irá melhorar o processo educacional, pois a transferência de responsabilidades somente para a escola tem fragilizado o trabalho pedagógico” (EEEF PROFESSORA ANÉSIA, 2020, p. 17).

Uma das metas previstas pelo PPP da escola está relacionada à questão étnico-racial que é “[...] inferir os princípios de valorização humana”. A estratégia prevista para atingir essa meta é “[...] promover palestras com temas relativos aos tipos de preconceitos sociais e raciais” (EEEF PROFESSORA ANÉSIA, 2020, p. 9). De fato, a escola possui iniciativas voltadas à valorização da história e da cultura afro-brasileira, como o projeto “A minha cor não define quem eu sou” desenvolvido durante o mês de novembro<sup>14</sup>. Assim, os

---

<sup>13</sup> Segundo Márcia Abreu, transformar histórias em versos de cordel não significa apenas metrificar e rimar um texto. É fundamental também adequar a sintaxe e o léxico. Abreu explica que o folheto é mais sucinto e direto, simplificando a estrutura dos períodos e privilegiando a ordem direta nas orações. Para o poeta de cordel compor uma “história desembaraçada”, ou seja, uma história compreensível para os leitores, é necessário evitar o acúmulo de personagens e de tramas, por isso é desaconselhável desenvolver enredos paralelos ou dar lugar a personagens secundários (ABREU, 2004).

<sup>14</sup> O PPP da Escola Anésia prevê dentre as ações do projeto “A minha cor não define quem eu sou”: Elaborar um glossário com algumas palavras de origem africanas usadas no nosso dia a dia; explicando o significado de cada uma; Apresentar o Continente Africano, localizando-o no mapa mundi, contando sobre alguns países; Pesquisar

alunos já possuíam alguma experiência com a temática, pelo menos nos meses de novembro de cada ano dedicado à Consciência Negra.

A atividade com o cordel da vida de Maria Felipa foi desenvolvida no 8º ano do ensino fundamental. A turma possui 34 alunos, com faixa etária entre 13 e 15 anos. Apesar de como qualquer jovem na adolescência os alunos apresentarem momentos de dispersão durante as aulas, de forma geral eles se mostravam comprometidos com as tarefas. Minhas aulas nesta turma eram às segundas-feiras, com três aulas seguidas, totalizando 15 horas mensais.

No mês de setembro de 2022, utilizei seis aulas para trabalhar com o conteúdo da independência do Brasil a partir do livro didático do Projeto Araribá. Após explicação do tema, elaborei um questionário sobre o capítulo “O Brasil independente” como forma dos alunos pesquisarem e realizar a leitura do livro para responder às questões. Outra atividade realizada relacionada ao tema foi a exibição de vídeos com matérias de jornais de TV sobre a independência, principalmente da série “Band nos 200 anos da independência” da TV Bandeirantes. Os vídeos eram apresentados e discutidos em seguida.

Após essas seis aulas que serviram para os alunos conhecerem o processo histórico da independência planejamos a utilização do cordel de Jarid Arraes sobre a vida de Maria Felipa. Acerca da fonte literária, Antônio Ferreira (2009) observa que, nas últimas décadas, os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores “como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas dos homens e mulheres no tempo” (FERREIRA, 2009, p. 61).

Sobre os usos da literatura no ensino, recorremos à metodologia atrelada ao conceito de “letramento literário”, de Rildo Cosson (2021), que indica que “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio” (COSSON, 2021, p. 12). Nessa perspectiva, a sequência básica do letramento literário na escola sugerido pelo autor envolve quatro fases: motivação, introdução, leitura e interpretação (COSSON, 2021, p. 51).

---

sobre músicas tradicionais africanas e instrumentos e sons africanos; Ex: Tambor, berimbau, atabaques, agogô; Exposição de pratos típicos africanos; Produção textual com base nas discussões a respeito da igualdade racial; Confecções de painel ou cartazes com imagem de personalidades negras notáveis no Brasil e no mundo; Palestras sobre a cultura negra e o bullying; Apresentação de vídeos educativos; Atividades de colagens sobre os diversos tipos de brincadeiras dos negros Montagem de cartazes sobre discriminação racial, com imagens de revistas; Desfile com roupas de origem africanas; Brincadeiras e jogos africanos; Pesquisa sobre índices, gráficos sobre desigualdade racial; Concurso de redação com a temática: “[...] a minha cor não define quem eu sou”; A leitura do “Cabelo de Lelê”; A leitura do “Menino Marron”; Teatro e coreografia alusivas ao tema. (EEEF PROFESSORA ANÉSIA, 2020, p. 28).

A primeira fase denominada “motivação”, corresponde “[...] em preparar o aluno para entrar no texto”, já que “[...] o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende da boa motivação” (COSSON, 2021, p. 54). Nessa fase inicial, realizei uma breve conversa com a turma sobre o capítulo da independência no livro didático do Projeto Araribá e indaguei acerca da ausência dos negros nesse processo na narrativa do livro. Foi uma pequena preparação para explicar a necessidade do uso de outro recurso didático para expandir o tema e abordar algo que não foi tratado de forma satisfatória pelo livro didático.

A etapa seguinte da atividade foi denominada de “introdução”, que é a apresentação do autor e da obra. Aqui distribuí aos alunos uma cópia do cordel “Maria Felipa”, editado por mim a partir do livro de Jarid Arraes e formatado em uma página, de forma tanto a não termos tantos custos quanto ao acesso a todos os alunos ao material. Levei também o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* para que os alunos conhecessem a obra original e a manuseassem.

Durante a introdução, apresentei aspectos da vida e da obra da autora Jarid Arraes, explicando que a sua escrita em linguagem de cordel, bem como a militância no feminismo negro, dando visibilidade, assim, às trajetórias das mulheres negras na história do Brasil. Citei um trecho da entrevista que concedeu à revista *Crioula*, falando sobre as fontes que utiliza para as biografias sobre Maria Felipa e as outras mulheres em seu livro:

Pesquisei em trabalhos acadêmicos também e os próprios leitores me indicavam onde pesquisar. Uma das mulheres negras que transformei em cordel, a Maria Aranha, tinha seu nome citado em apenas um trabalho acadêmico que pude encontrar. Com o tempo, principalmente para a revisão que fiz nos cordéis quando os reuni em livro, também busquei ouvir pessoas das regiões das heroínas negras para entender como seria a oralidade em torno dessas histórias, como as pessoas daqueles lugares entendiam as biografias, as conquistas e coisas do tipo. Gosto de fazer essa junção porque nenhuma história está reduzida a apenas um tipo de narrativa (ARRAES, 2018 *apud* GONÇALVES, 2018, p. 501).

Outra questão importante, comentada na fase da introdução, é que o texto utilizado configura um cordel contemporâneo a respeito da vida de uma mulher negra do século XIX. Ou seja, essa fonte, mais do que trazer informações sobre a atuação de Maria Felipa durante o processo da independência do Brasil, revela muito de nossa época atual. Conforme Ferreira (2009), ao comentar sobre as fontes literárias no trabalho do historiador, toda fonte pode ser legítima na medida em que contribua para o entendimento do objeto específico de estudo e se tenha em conta sua natureza: política, econômica, científica, religiosa, artística, técnica ou outra. É preciso, contudo, estarmos atentos aos ambientes

socioculturais do período analisado para se evitar o tratamento anacrônico da fonte (FERREIRA, 2009, p. 81).

Dessa forma, comentei sobre as possíveis motivações de Jarid Arraes para escrever um livro sobre as mulheres negras relacionando com o contexto histórico atual. Tal contexto, em um nível mais geral, está relacionado a determinados fatores como: a maior visibilidade da luta contra o racismo na sociedade brasileira; mais de uma década da promulgação da Lei nº 10.639/03, que estabelece o ensino da história e cultura afro-brasileira, o que colabora para a maior conscientização acerca da necessidade de um ensino mais amplo e diverso; e, em um nível mais pessoal, o fato de a autora querer expressar a sua causa pelo feminismo negro em uma linguagem mais acessível que possa auxiliar que as novas gerações tomem conhecimento sobre as histórias das mulheres negras, o que contribui também para o combate ao racismo.

Na fase seguinte, a da leitura, Rildo Cosson alerta para o acompanhamento que deve ser feito pelo professor junto ao aluno, para “[...] auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura” (COSSON, 2021, p. 62). Fiz uma leitura em voz alta da primeira página para os alunos acompanharem no sentido de explicar o que são estrofe, versos e rima. A leitura também serviu para os alunos conhecerem o ritmo de leitura de um cordel, o qual enfatiza as palavras que terminam com o mesmo som. Jarid Arraes utiliza a técnica da sextilha, na qual os segundos, quartos e sextos versos são rimados.

Para a leitura do cordel ser mais proveitosa e prazerosa, o mais indicado é a leitura em voz alta da narrativa. Segundo Marinho e Pinheiro (2012), essa forma de leitura do cordel é “indispensável”, assim como a repetição, já que ela “[...] ajudará a perceber o ritmo e encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado”. Desse modo, “[...] diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 129). Já Arievaldo Viana Lima (2006) aponta que nesta metodologia “[...] cada aluno lê uma estrofe em voz alta e todos acompanham a leitura”, sendo “[...] importante obedecer à cadência da métrica, para valorizar o texto e facilitar a sua memorização” (LIMA, 2006, p. 57). Seguindo essa perspectiva, nas estrofes seguintes, li em voz alta juntamente com os alunos, de forma a estimular a participação deles.

Nas estrofes abaixo, Arraes destaca a atuação de Maria Felipa na defesa da ilha de Itaparica, queimando as embarcações portuguesas:

Essa Maria Felipa  
 As mulheres liderou  
 Eram cerca de quarenta  
 As mulheres que juntou  
 E com muita ousadia  
 Grande incêndio provocou.

Reunidas as guerreiras  
 Por Felipa lideradas  
 Colocaram fogo alto  
 Nas embarcações chegadas  
 E que eram inimigas  
 Da gente mobilizada.

As embarcações queimadas  
 Dizem ser mais de cinquenta  
 Mas também há quem afirme  
 Que a contagem nem se tenta  
 Pois tamanha quantidade  
 Facilmente não se ostenta (ARRAES, 2017, p. 98).

Durante a leitura, fui realizando algumas pausas para chamar a atenção para a importância das ações de Maria Felipa e destacar o fato de uma mulher negra em pleno século XIX tomar à frente da resistência contra os portugueses, algo que os alunos não conheciam.

Ao longo da narrativa, Jarid Arraes conta um “causo” de que Maria Felipa e o seu grupo de mulheres seduziu os portugueses com a sua beleza. Na verdade, tratava-se de uma armadilha:

Seduzidos e animados  
 Eles foram enganados  
 Já estavam até sem roupa  
 Quando foram espancados  
 Com galhos de cansação  
 Acabaram bem surrados.

Cansação é uma planta  
 Que provoca queimadura  
 Similar à tal urtiga  
 O queimado é sem firula  
 Inda mais se não tiver  
 Proteção duma armadura (ARRAES, 2017, p. 98).

Tal narrativa do “causo” gerou risos dos alunos, os quais passaram a demonstrar mais interesse na história. Arraes também menciona outras ações de Maria Felipa, como o fato de ajudar com o seu grupo na fortificação das praias de Itaparica, a organização do envio de mantimentos e lutar na guerra. Arraes comenta que Felipa foi citada mais tarde em obras

de autores como Xavier Marques e Ubaldo Osório. A autora conclui seu cordel enfatizando a necessidade de relembrar a vida de Maria Felipa:

Heroína Negra e forte  
Líder dessa Independência  
Para o povo da Bahia  
É imensa essa influência  
Que dela jamais esquece  
Por sua resiliência.

Como fica muito claro  
Nosso povo tem história  
E por isso nós devemos  
O respeito e a memória  
Para Maria Felipa  
Que viveu imensa glória (ARRAES, 2017, p. 101).

De fato, como explicam Valim e Farias (2022), Maria Felipa permaneceu durante muito tempo “apagada” das histórias da independência. As autoras sugerem duas razões para esse esquecimento: a primeira, o medo das elites sobre o perigo da luta política por direitos das populações negras escravizadas e livres, o que as levou não apenas a punir as lideranças dos movimentos que questionavam o projeto monarquista, mas também “[...] foi preciso apagar da história o rastro da experiência da luta de um contingente enorme por cidadania”; a segunda, o fato de, conforme seus contemporâneos, Maria Felipa continuar “[...] desafiando moral e politicamente os padrões da época ao liderar a luta por direitos da população insulana até a sua morte, em 1873” (VALIM; FARIAS, 2022).

Apenas em 1921, o literato e deputado federal Xavier Marques publicou o romance *O Sargento Pedro*, no qual cita, em meio às lutas pela independência em Itaparica, uma mulher “agigantada, com a camisa descabida, as costas lavadas de suor, os cabelos revoltos, [que] agitava-se à frente da turba, com [um] homem preso pela gola da vestia, e sempre a gritar: – Canta! Senão te mato... Canta... ‘Havemos de comer/Marotos com pão’” (VALIM; FARIAS, 2022).

A leitura do cordel se mostrou bastante positiva, gerando uma compreensão que talvez os alunos não tivessem se a leitura fosse realizada de forma individual e silenciosa, pois fomos comentando algumas partes para explicar a vida de Maria Felipa e suas conexões com o conteúdo sobre a independência do Brasil, visto anteriormente com o livro didático.

A última fase da proposta de letramento literário que seguimos de Cosson (2021) é a da “interpretação”. Após a leitura do cordel, solicitei que os alunos se dividissem em duplas e fizessem um desenho dividido em quadrinhos sobre a vida de Maria Felipa. A

elaboração de desenhos a partir da literatura de cordel é sugerida, por exemplo, por Marinho e Pinheiro, que apontam a possibilidade de “[...] ilustrar livremente algumas narrativas ou parte delas”, sendo materiais e procedimentos escolhidos pelo professor (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 133). Já Lima destaca ser importante pedir a cada aluno que escolha uma estrofe para ilustrar e depois montar uma exposição sequenciada dos desenhos, conforme o texto (LIMA, 2006, p. 59).

A atividade com desenhos corresponde ao que Cosson denomina de “[...] momento externo da interpretação da leitura”, que é a “[...] concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade” (COSSON, 2021, p. 65). Cosson destaca a importância de compartilhar a interpretação do texto literário:

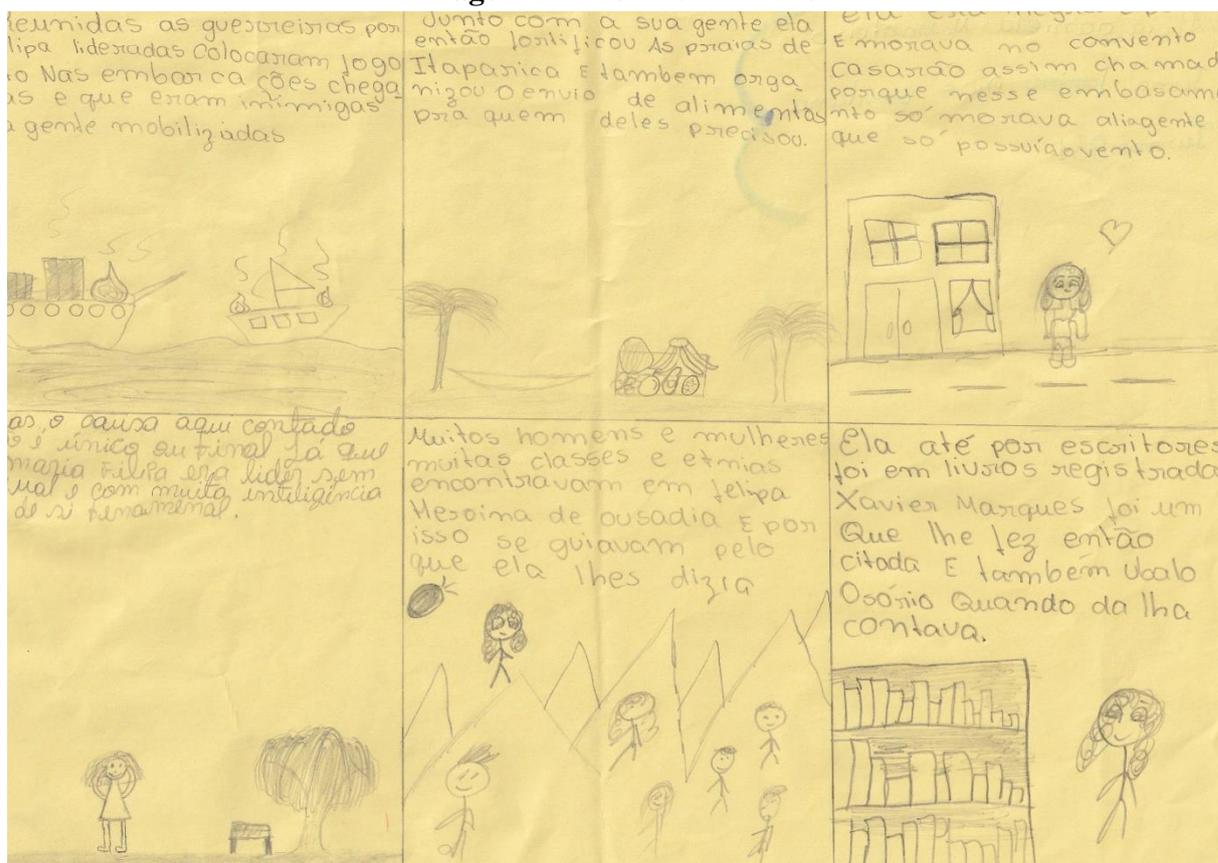
Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (COSSON, 2021, p. 65-66).

O desenho deveria ser feito da seguinte forma: dividido em seis partes, todas contendo um “capítulo” da história de Maria Felipa narrada por Jarid Arraes, sendo que, em cada parte, os alunos deveriam escrever os versos do cordel em que se basearam para fazer o desenho. Essa seria uma maneira de fazerem a leitura novamente, além de demonstrarem a sua interpretação do cordel de uma forma artística, criativa, algo que uma atividade de questionário, por exemplo, não seria capaz de proporcionar. Citamos a seguir alguns dos desenhos produzidos pelos alunos<sup>15</sup>:

---

<sup>15</sup> Como se trata de alunos menores de idade optei por identificá-los apenas pelas iniciais de seus nomes.

Imagem 2 - Desenho de alunas

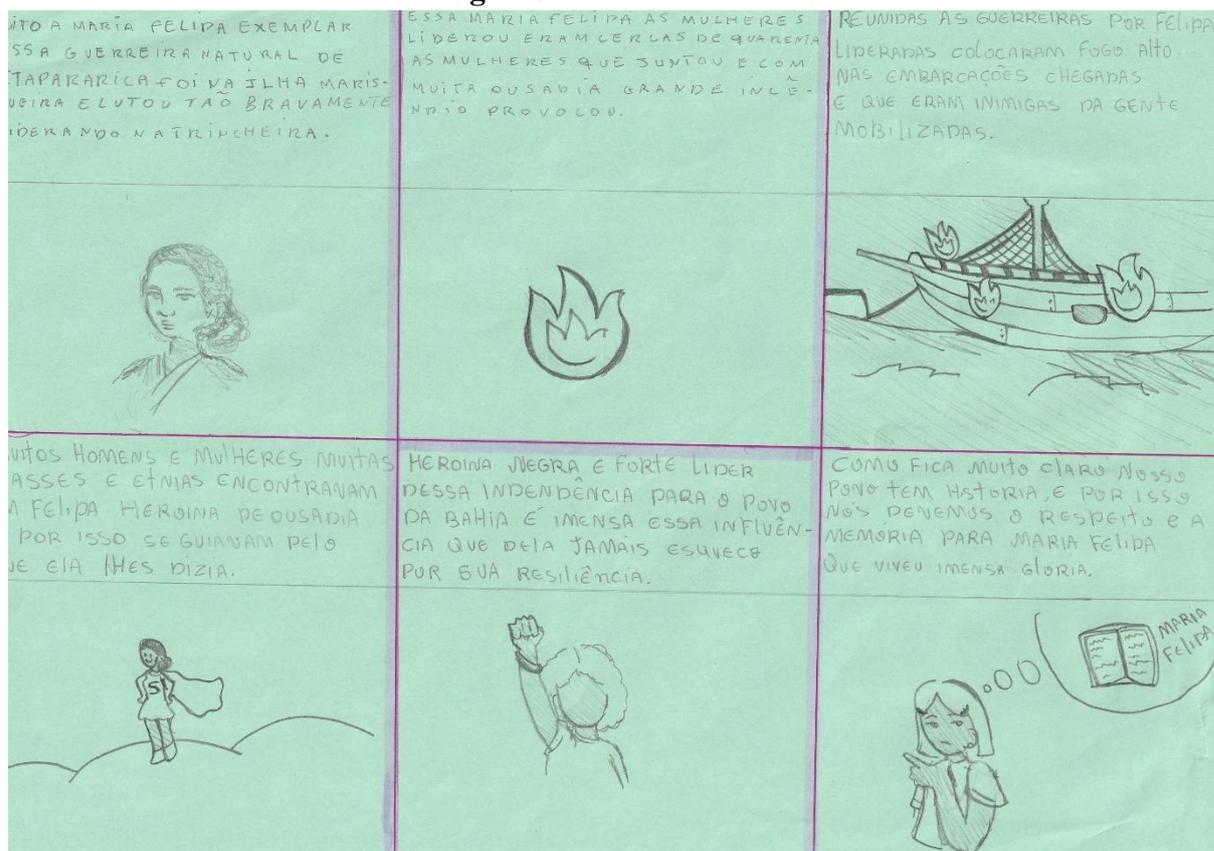


Fonte: (ALUNAS AD e ID, 2022).

No primeiro desenho, as alunas AD e ID escolheram para ilustrar a parte em que Maria Felipa queimou as embarcações portuguesas, o apoio na fortificação da ilha de Itaparica, e o fato de ser reconhecida como heroína. Destaco aqui o quadrinho final, no qual as alunas ilustraram a Felipa sendo reconhecida por escritores, por meio do desenho de um armário com livros.

No desenho seguinte, na Imagem 3, aponto os quadrinhos da parte de baixo, em que as alunas ilustraram Maria Felipa como uma heroína, fazendo uma analogia com os filmes e HQs de super-heróis, representados vestindo uniforme e capa. No quinto quadrinho, compuseram um retrato de uma mulher com o punho levantado, o que remete às lutas do movimento negro, o que talvez indique que as alunas já tinham um conhecimento prévio sobre o assunto por meio de filmes ou reportagens de TV, por exemplo. Por fim, terminam com uma ilustração de uma estudante de hoje lembrando a história de Maria Felipa, uma inspiração para elas.

## Imagem 3 - Desenho de alunas



Fonte: (ALUNAS AR e FA, 2022).

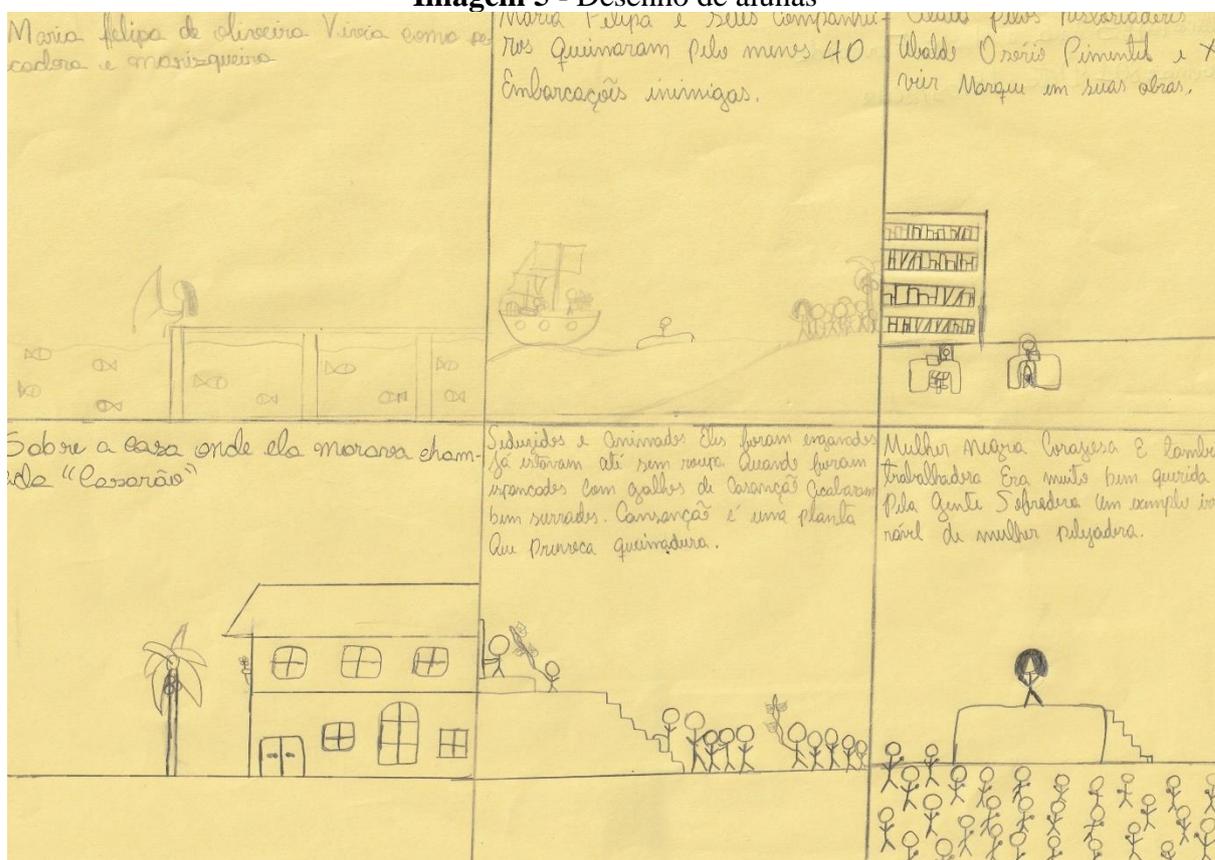
Os desenhos das Imagens 4 e 5 apresentam uma sequência em certo ponto semelhantes, ressaltando a origem pobre de Maria Felipa, com referências de que ela morava em um convento chamado Casarão, além de também o fato de ser marisqueira. Citam a artimanha de seduzir os portugueses para depois derrotá-los e terminam com uma homenagem a Felipa, como uma líder e um exemplo a ser seguido.

**Imagem 4 - Desenho de alunas**



Fonte: (ALUNAS KS e JS, 2022).

**Imagem 5 - Desenho de alunas**



Fonte: (ALUNAS SM e MF, 2022).

A atividade com desenho foi positiva, pois pude verificar a criatividade dos alunos e identificar interpretações variadas da narrativa em cordel de Jarid Arraes. Os desenhos demonstram que os alunos mobilizam seus saberes prévios e os relacionam com o aprendizado na escola, algo facilitado com o uso da literatura de cordel. Dessa forma, a vida de Maria Felipa no contexto da independência se torna mais significativa, no sentido de que não haja um esquecimento de sua luta. O estímulo à criatividade a partir do desenho provocou interesse e engajamento maiores pelo tema do que se fosse apenas uma atividade de texto.

### **As lutas das mulheres negras na independência e hoje: o olhar dos alunos do 8º ano**

Nas três aulas seguintes, propus outra atividade relacionada à vida de Maria Felipa em cordel: relacionar as lutas dessa mulher negra do período da independência no século XIX com as lutas das mulheres negras da atualidade. Entendo que o ensino de História deve trabalhar com a ideia de processo histórico, conjugando passado e presente, como explica Holien Bezerra (2012):

Assim, a História concebida como processo, busca aprimorar o exercício da problematização da vida social, como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais, nacionais e de outros povos; perceber as diferenças e semelhanças, os conflitos/contradições e as solidariedades, igualdades e desigualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado (BEZERRA, 2012, p. 44).

Uma aula que tratasse a vida de Maria Felipa no contexto da independência do Brasil e se encerrasse por si mesma, sem fazer conexões com o presente, não seria produtiva, pois levaria os alunos a ver Felipa como uma mera “curiosidade” dentro de um acontecimento maior. O nosso objetivo na aula de História com os alunos do 8º ano da Escola Anésia foi a problematização, interrogando o passado para pensar a realidade atual do Brasil do século XXI no que tange às questões étnico-raciais. Entendo que, dessa forma, a aula pode realmente trazer significados para a vida cotidiana desses alunos que estão em fase de formação e conscientização acerca de seu papel como sujeitos históricos. Conforme Jaime Pinsky e Carla Pinsky, o compromisso com o presente nas aulas de História significa “[...] tomar como referência questões sociais e culturais, assim como problemáticas humanas que fazem parte de

nossa vida, temas como desigualdades sociais, raciais, sexuais” (PINSKY; PINSKY, 2012, p. 23).

Nessa perspectiva, para as três aulas seguintes utilizei o data-show para mostrar e discutir três vídeos com os alunos. O primeiro foi o terceiro episódio da série “Como Ela Faz?”, produzido pelo portal Uol, intitulado *Racismo perverso: desigualdade racial moldou vidas de mulheres negras*, no qual mulheres negras falam sobre como o racismo prejudica a busca por trabalho e a ocupação de espaços sociais<sup>16</sup>. Trata-se de um documentário muito interessante, o qual traz a fala de mulheres negras que hoje ocupam um lugar de destaque nas mídias e no espaço público, a exemplo de Preta Rara, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Benedita da Silva, entre outras, mas que enfrentaram, e ainda enfrentam, muitos desafios no Brasil de hoje por conta do racismo e do preconceito de gênero por serem mulheres negras. Os depoimentos são intercalados com gráficos que mostram o espaço ínfimo ocupado por elas ainda hoje em profissões variadas em relação aos homens brancos.

Em seguida, exibi uma entrevista com a jornalista Joyce Ribeiro, a primeira mulher negra a mediar um debate presidencial na história do Brasil nas eleições de 2018, na TV Aparecida.<sup>17</sup> Ribeiro fala, entre outras coisas, sobre a sua trajetória, os preconceitos que sofreu, as pautas do feminismo negro. Por fim, o terceiro vídeo apresentado foi uma reportagem do *Estadão* intitulado “*Deixa Ela Trabalhar: ‘é muito mais difícil para uma mulher negra arranjar um emprego’*”.<sup>18</sup> Esse vídeo traz depoimentos de mulheres negras e os seus desafios para conquistar um lugar no mercado de trabalho, o que é constatado por um levantamento do IBGE de 2019, o qual indica que, enquanto a taxa de desemprego no Brasil para mulheres brancas é de 35%, para mulheres negras chega a 49%.

Durante a exibição dos vídeos, fui explicando como o processo histórico brasileiro influencia para que ainda hoje exista racismo em nossa sociedade, oportunizando menos direitos para a população negra, principalmente para as mulheres negras. Buscamos problematizar como a independência pode ter levado ao rompimento das ligações com Portugal, mas não trouxe direitos iguais para todos, a exemplo da manutenção da escravidão negra, que só foi extinta ao final do século XIX, mas cujos reflexos ainda são vistos e vivenciados hoje pelos alunos, como a desigualdade racial.

A atividade final foi a produção de um texto com o tema “Por que é importante estudar a história da mulher negra no Brasil?” Os alunos deveriam relacionar o conteúdo

---

<sup>16</sup> Documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kgb2T-h-WsE> Acesso em: 8 jan. 2023.

<sup>17</sup> Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3ZlsjKDcISo> Acesso em: 8 jan. 2023.

<sup>18</sup> Reportagem disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BQC-Dc6FE98> Acesso em: 8 jan. 2023.

sobre a independência do Brasil, a vida e luta de Maria Felipa e as lutas das mulheres negras no Brasil da atualidade. Citamos a seguir algumas das respostas dos alunos.

É importante sabermos sobre pois aprendemos mais sobre esse assunto, e também, ajuda a mudarmos o Brasil lá na frente. Esse tipo de assunto é sempre bom de ser conversado nas escolas, para que os alunos não cometam o ato de racismo, e que as mulheres negras não sejam apenas domésticas, que elas possam ser advogadas, juízas, etc. [...] O mais importante mesmo é que deveria acabar esse preconceito da sociedade com mulheres negras (ou negros) na população. Como se negros fossem uma “doença” e que eles não podem ter empregos de salários altíssimos como brancos (ALUNA MR, 2022).

É importante saber e estudar mais sobre essas corajosas guerreiras, mulheres negras talentosas e inspiradoras como Maria Felipa. [...] Muita gente ainda tem esse preconceito com essas mulheres valentes só por sua cor de pele, muitas não são chamadas para trabalhar, arranjar um emprego e nem entrar em lugares específicos, são rejeitadas e violentadas, mas muita gente não vê as que são por trás delas, como Maria Felipa. Então é porque a gente precisa estudar e ter educação e principalmente respeito por essas mulheres (ALUNA MF, 2022).

Bom a importância da história da mulher negra é porque, na história do Brasil desde a época da escravidão as pessoas que mais tinham privilégios são os homens brancos, já os negros não tinham quase e as mulheres também não tinham tantos assim, mas imagine uma mulher negra que naquela época só cuidava da casa, mas teve aquelas que fizeram grandes coisas como Maria Felipa que era líder de um grupo de mulheres que lutava pela liberdade delas. [...] Hoje em dia mesmo todos os negros/negras livres da escravatura ainda sofrem com o racismo como se não pudessem ser o que quisessem, é mais comum ver uma negra que trabalha com serviços de casa do que ver uma negra que pilota um avião. O único jeito disso acabar é só pela educação, então esta é a importância de estudar a história delas (ALUNO CD, 2022).

Para falar sobre o direito da mulher negra no Brasil devemos fazer uma reflexão sobre o preconceito, escravidão e a desigualdade. Várias mulheres tentam arranjar empregos e tentam estudar, só que elas recebem a desigualdade no salário e nos estudos, recebendo pouco ou nada (ALUNA KH, 2022).

Mulheres que lutaram e ainda lutam contra essa desigualdade, a minoria ganha os direitos necessários para a sobrevivência, mas que ainda seus filhos, sobrinhos ou netos podem sofrer, como vimos na reportagem uma das mulheres, que ela era a única de sua família a não ser empregada doméstica e que até nos empregos sofrem essas mulheres pouco conhecidas que sempre vão ser julgadas pela cor. Eu acho importante estudar esse assunto pelo motivo de um dia diminuir o preconceito não só com elas mas com outros negros (ALUNA DM, 2022).

Podemos observar nas respostas dos alunos que eles conseguiram confrontar o passado e o presente, a história de Maria Felipa e as lutas das mulheres negras na atualidade.

Nesse sentido, sublinharam a importância do aprendizado da História para a luta contra o racismo para que haja mais oportunidades para todos, pois, como os vídeos exibidos revelaram, os negros ainda hoje ocupam cargos com menores salários no Brasil. Embora não tenham mencionado, é possível que os alunos tenham pais, parentes e conhecidos negros, que já sofreram racismo e não tiveram oportunidades iguais aos brancos. Assim, buscamos que esses estudantes, os quais, no futuro, irão tanto ocupar cargos no mercado de trabalho quanto socializar em uma sociedade cada vez mais diversa, possam se comprometer na luta contra o racismo e no respeito às diferenças.

Nessa perspectiva, concordo com Petronilha Silva (2011) acerca da importância da educação das relações étnico-raciais:

A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplem efetivamente a todos (SILVA, 2011, p. 12-13).

### **Considerações finais**

Este artigo buscou trazer reflexões sobre a necessidade de uma abordagem da independência do Brasil valorizando outros agentes históricos que ultrapassem aqueles já tradicionalmente vistos nos livros didáticos. O contexto do bicentenário da independência no ano de 2022 nos motivou a pensar em nossas aulas de História uma discussão que promovesse também uma conexão entre o passado e o presente para que os alunos identificassem a importância da História para o seu cotidiano.

A discussão das relações étnico-raciais, algo previsto desde a Lei nº 10639/03, mas que ainda encontra vários desafios para sua efetivação prática nas escolas, mostrou-se um caminho profícuo e problematizador de questões atuais, que remetem aos tempos do processo de independência, como o racismo e a desigualdade de gênero, sendo as mulheres negras as maiores vítimas de violência, preconceito e as mais afetadas por falta de oportunidades. Como o livro didático traz limitações em sua narrativa, optamos por utilizar com uma turma de 8º

ano da Escola Professora Anésia a literatura de cordel de Jarid Arraes a respeito da vida de Maria Felipa, mulher negra da Bahia que assumiu papel significativo nas guerras contra os portugueses em sua província.

Mais do que identificar nomes e fatos, entendemos que o mais significativo nas narrativas da independência nas aulas de História é dar voz aos que reivindicaram os seus direitos naquele contexto histórico cujas lutas ainda reverberam no tempo presente. Nessa perspectiva, a abordagem da vida e a luta de Maria Felipa se apresentam como fundamentais para que os alunos se conscientizem do seu papel como sujeitos e futuros cidadãos que irão construir uma sociedade mais justa, democrática e diversa, que combata o racismo e qualquer tipo de preconceito.

Nesse processo, o papel do professor de História da educação básica é essencial – em especial os docentes que trabalham na escola pública, na qual está a maioria dos estudantes brasileiros. É essencial que o professor possa refletir e atuar para ajudar a transformar positivamente a sociedade, por meio da educação. Esse professor que está na “linha de frente”, no “chão da escola”, e os conhecimentos que ele produz junto aos seus alunos, deveria ser mais valorizado, ao invés de se considerarem apenas aqueles que detêm o poder de falar sobre o ensino de História, como os pesquisadores universitários, que se limitam, em sua maioria, à pesquisa teórica, mas não vivenciam a prática do ensino. Desse modo, o presente artigo buscou valorizar a prática do dia a dia do ensino de História, mostrando que, diante de todas as dificuldades que se impõem aos docentes das escolas da educação básica e pública deste país, sem eles e seus trabalhos, não se faz possível um futuro melhor para o Brasil, principalmente no que se refere à questão étnico-racial.

## Referências

### Livro didático

FERNANDES, Ana Claudia (coord.). *Araribá mais: história* (8º ano). São Paulo: Moderna, 2018.

### Bibliografia

ABREU, Márcia. Então se forma a história bonita: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-204, jul/dez. 2004.

ABREU, Martha. Diversidade cultural, reparação e direitos. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). *O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 107-112.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 37-48.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. *Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm) Acesso em: 30 dez. 2022.

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília, DF: MEC, 2004.

BRASIL. *Lei 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 30 dez. 2022.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*. 2 ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Rio de Janeiro: FUNARTE, 1977.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. O trabalho em sala de aula com a história e a cultura afro-brasileira no ensino de história. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). *História: ensino fundamental*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 131-158.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 12. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

EEEF PROFESSORA ANÉSIA. *Projeto Político Pedagógico*. Belém, 2020.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: LUCA, Tânia Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

FERREIRA, Gustavo Donizete da Matta; MÁRQUEZ, Fernanda Telles. A questão étnico-racial no livro didático de História do 8º e do 9º ano do ensino fundamental. *Revista Educação em Foco*, v. 27, p. 1-19, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, DF: MEC: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: Por um projeto educativo emancipatório. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011. p. 39-59.

GONÇALVES, Bianca Mafra. Por uma Herstory de Cordel: Entrevista com Jarid Arraes. *Revista Crioula*, n. 21, p. 497-508, 1. sem. 2018.

HAURÉLIO, Marco. *Literatura de cordel: do sertão à sala de aula*. São Paulo: Paulus, 2013.

LIMA, Arievaldo Viana (org.). *Acorda cordel na sala de aula*. Fortaleza: Tupynanquim: Queima-Bucha, 2006.

MACENA, Elizabeth Vieira. A representação do negro no livro didático de história da coleção Projeto Araribá. In: SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE. Intersecção entre universidade e escola – necessidades formativas nas/das licenciaturas. 2017, Dourado. *Anais [...]*. Dourados, 12 - 14 jun. 2017. p. 1-18. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/4210>. Acesso em: 25 dez. 2022.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. “Musas filhas de Apolo, tragam-me inspiração, para narrar uma guerra, de nação contra nação”: a literatura de cordel no ensino da Grécia Antiga, um relato de experiência em escolas públicas do Pará. *Revista Sobre Ontens*, v. 1, p. 1-17, 2016.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. As discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular de História: entre polêmicas e exclusões (2015-2016). *Revista Crítica Histórica*, ano 8, n. 15, p. 31-61, jul. 2017.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. Semana da Consciência Negra e literatura de cordel: relato de experiências no ensino de História na Escola Estadual Ruth Passarinho (Belém-PA, 2019). *Revista Inform@ção: A Revista Digital do CEFOR/SEDUC*, Belém, v. 7, n. 8, p. 55-68, dez. 2020.

MONTEIRO, Luciano Araujo. Identificação de estereótipos contidos na obra: Casa Grande e Senzala e na coleção de obras didáticas que compõem o projeto Araribá História. In: ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, evento on line, 10., 2021. *Anais [...]*, 11 - 13 maio 2021. p. 1-9. Disponível em: [http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/10encontro/luciano\\_monteiro.pdf](http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/10encontro/luciano_monteiro.pdf). Acesso em: 25 dez. 2022.

NEVES, Lucia Maria Bastos Pereira das. Os esquecidos no processo da Independência: uma história a se fazer. *Almanack*, Guarulhos, n. 25, p. 1–44, 2020.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de; AQUINO, Luciana Fernandes de Aquino. A independência do Brasil nos livros didáticos para crianças: uma análise da produção didática entre as décadas de 1970 e 2000. *História & Ensino*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 155-180, jul./dez. 2017.

PEREIRA, Diego Ramon Souza. Cordel-jornal e o ativismo negro: os cordéis da poetisa Jarid Arraes. *Revista Encantar: Educação, Cultura e Sociedade*, Bom Jesus da Lapa, v. 3, p. 1-22, 2021.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-36.

RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos. Interpretações da Independência Brasileira nos livros didáticos de História do Brasil de Joaquim Silva entre 1946 e 1961. In: VALÉRIO, Mairon Escorsi; RIBEIRO JÚNIOR, Halferd Carlos (org.). *Ensino de História: memória e identidade*. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2016. p. 67-91.

ROCHA, Simone Maria da; AZEVEDO JÚNIOR, Manoel Bezerra de. Cordel como instrumento de ensino e reflexão: heroínas negras brasileiras na voz de Jarid Arraes. *Educação & Linguagem*, ano 6, n. 2, p. 129-140, maio/ago. 2019.

SAMYN, Henrique Marques. Negritude e gênero no cordel: ensaio sobre as “Heroínas Negras” de Jarid Arraes. *Macabéa: Revista Eletrônica do Netlli*, v. 5, n. 2, p. 92-102, jul./dez. 2016.

SANTOS, Lucas Borges dos. Maria Felipa de Oliveira. *Resgate da Memória*, ano 1, n. 2, p. 30-33, jul. 2014.

SCHWARTZ, Rosana Maria; CHIARADIA, Adriana Maria Gonçalves. A literatura de cordel como documento da História: uma análise dos folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante e Jarid Arraes. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL CULTURAS – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo 1968 – 50 anos depois. 9., 2018, Cuiabá. *Anais [...]*. Cuiabá: UFMT, 2018. p. 1-14. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/IXsimposio/anais/Rosana%20Maria%20P.%20B.%20Schwartz%20&%20Adriana%20Maria%20Goncalves%20Chiaradia.pdf> Acesso em: 31 dez. 2022.

SILVA, Jefferson Rodrigo da. De anônimo a Best-Seller: digressões sobre o sucesso do Projeto Araribá – História no PNLD de 2008. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n. 2 p. 102-127, jul./dez. 2012.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alessandra Borges (org.). *Relações étnico-raciais e educação no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2011. p. 11-37.

SOUZA, Clara Marques. Entre avanços e desafios: a representação de mulheres negras em dois livros didáticos de História do ensino fundamental. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, Dourados, v. 14, n. 27, p. 127-152, jan./jun. 2020.

VALIM, Patrícia; FARIAS, Marianna Teixeira. Maria Felipa liderou baianas na luta contra soldados portugueses. *Folha de São Paulo*, 5 set. 2022. Caderno Ilustríssima. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/ilustrissima/2022/09/maria-felipa-liderou-baianas-na-luta-contrasoldados-portugueses.shtml> Acesso em: 5 jan. 2023.

VIDAL, Maria Cristina Fonseca Ribeiro. Imagens recortadas: os protagonistas da história do Brasil na narrativa didática de Jonathas Serrano. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (org.). *A história na escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 91-108.